

RESENHA

Quando ler é ser *When reading is being*

CASTRO, Manuel Antônio de. *Leitura: questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

Fábio Santana Pessanha¹

Sob um título simples e direto, *Leitura: questões* é o mais recente livro de Manuel Antônio de Castro, professor emérito de Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nessa obra, há a realização de um denso trabalho em que se congrega o acervo experiencial de anos de atividades voltadas para a formação intelectual dos futuros professores de Letras e áreas afins, período em que os estudos de Castro promoveram ininterruptamente discussões a respeito da leitura como questão crucial no desenvolvimento crítico-intelectual de seus alunos, possíveis multiplicadores desses saberes.

A partir de um posicionamento dialogal, em que o ontológico e o dialético se tensionam muito positivamente, o prof. Manuel convida e provoca o leitor a se experienciar mediante a leitura, uma vez que, segundo seu posicionamento, esta não se restringe à decodificação de ideias, imagens, conceitos, e sim – indo ainda mais profundamente – configura a interpretação da realidade num transbordamento de possibilidades que fundam um mundo próprio, conduzindo o ser humano à sua essência leitora.

Uma observação interessante a se fazer é que *Leitura: questões*, com sua elaboração em rede, viabiliza um itinerário inter-

¹ Doutorando em Ciência da Literatura e mestre em Poética, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 17	n. 30	p. 335 - 338	Recebido em: 18 nov 2015. Aprovado em: 15 dez. 2015.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	---

dependente pela arquitetura dos seus ensaios. Ou seja, o livro obedece a uma estrutura dividida em cinco partes, e cada ensaio pertencente a elas inicia e encerra uma jornada questionadora ao mesmo tempo em que integra um circuito dialógico entre suas seções. Tal arquitetura não só dá ao leitor liberdade para transitar entre os textos de maneira independente, mas também produz uma metaencenação do círculo que alinhava o leitor, o texto – entendido como tessitura corporal de sentidos –, o poético – enquanto ação originária criativa – e os horizontes alcançados pela ambiguidade de um ver que traduz o devir da realidade concretizada no ato de leitura; pois, como o próprio autor nos diz: “toda leitura é essencialmente um diálogo, na medida em que ela se move num círculo poético-dialético” (p. 186).

As referidas cinco partes se organizam a partir dos seguintes núcleos: o questionar – onde se pensa o ser humano como prole fenomênica da realidade a partir da leitura que o homem realiza de si e de tudo que o atravessa; a linguagem e o humano – onde, pelo experienciar-se no íntimo da linguagem, o homem se abre para as possibilidades de ser e se questiona como o ato de ler acontece em seu agir. Concentrando a maioria dos ensaios, a terceira parte, o caminho e o método, é o ponto nevrálgico dos questionamentos ao evidenciar o método como o caminho para a realização plena da humanidade que nos antecede e na qual estamos em constante exercício de apropriação. Daí, como nos diz o prof. Manuel: “Ler não é uma opção, é movermo-nos na essência do que somos” (p. 14); a quarta parte, a obra de arte, compreendida como “[...] luz e energia poético-erótica que fazem eclodir em nós o que somos” (p. 15), amplia e amplifica nossa rede de relações com nós mesmos e com o outro, na medida em que desencadeia a assunção do sentido do viver no amplo caráter das leituras, isto é, considera o ler como realização criativa do que somos naquilo que lemos. Por fim, o acontecimento histórico da época, pelo qual o tempo ganha escopo tanto pelo entrelaçamento dos núcleos anteriores quanto pela assunção da vigência temporal em nosso existir, nos leva a considerar que o caminho a ser trilhado é sempre o da leitura, não apenas como conceito definitivo que trata das referências das instâncias da realidade, e sim como a maneira mais concreta e misteriosa de nos perceber-

mos um paradoxo, ou seja, uma permanente efemeridade do que encontramos de nós em tudo que lemos.

Pela rápida menção das partes componentes do livro em questão, podemos observar que não se trata de uma obra erigida apenas para aumentar as estatísticas de produtividade bibliográfica sobre um assunto tão caro à formação intelectual de nossa sociedade. Manuel Antônio de Castro propõe nesse seu trabalho o empenho apropriante da experiência leitora, cujas questões se espriam em todos os ensaios. Dada a singularidade com a qual o professor burila o encadeamento de suas proposições, no mínimo, temos aí um desafio que, se aceito, certamente nos levará à refeitura de alguns lugares-comuns que acabamos construindo no decurso de nossa formação educacional.

A proposição da leitura como alimento – “Leitura é alimento” (p. 83) – incide sobre nós leitores uma responsabilidade sem igual. Contudo, não num sentido coercitivo, e sim no da liberdade de sermos ao mesmo tempo o alvo e a trajetória do tiro, quando nos deparamos com o abismo que alardeia a realização dos destinos de cada um de nós. A imersão no fundo do mistério que é o ser humano radicaliza a ação de ler não mais como ato visivelmente expressivo, e sim como verbo fundamental da nossa existência. Desse modo, depois de ter lido o presente livro, ousou dizer que existimos na leitura que realizamos e nos compomos tensionalmente entre mundos e possibilidades de realidades, uma vez que nos alimentamos de tudo que nos toca e daquilo que interage com nossa ambígua maneira de estar no mundo.

Segundo o prof. Manuel, a leitura como alimento metaboliza a memória, evidenciando um círculo genesíaco no qual encontramos morada, assim: “Ler é alimentar-se da memória do que já desde sempre somos” (p. 86). E é importante ressaltar que não se trata aqui do resgate mnemônico de lembranças passadas, mas sim do intenso diálogo com o pensamento grego, na medida em que o professor faz referência às Musas, filhas da Memória (*Mnemósyne*), na louvação à palavra, ao silêncio e à interpretação poética, tão necessários para a densificação do sentido do ler como fértil solo da incomensurabilidade do humano.

Leitura: questões é uma obra que, talvez possamos dizer, reúne vários livros. Ou ainda, alinhava diversas etapas da vivência

Quando ler é ser

*When reading is
being*

337

acadêmica e filosófica de Manuel Antônio de Castro – sem jamais perder a verve poética. Ao provocar o leitor, ele também se questiona, pondo-se no mesmo barco que nós, sendo tão leitor quanto qualquer um que se aventure nessa jornada de autorrealização. Esse fato me faz lembrar de suas aulas, quando ele posicionava as cadeiras em círculo para que todos comungassem daquilo que temos em comum: o não saber. Então, dialogando com o prof. Manuel, arrisco em dizer que ler é esse silencioso pacto com o não saber, e que ao nos lançarmos em profundas e desconhecidas águas, imergimos nas venturas de um destino sempre novo, sempre inaugural.

Por fim, eis uma obra com uma grande intensidade poético-filosófica e que desafia o leitor a ser o que é, a se ler muito profundamente num espaço onde o ético refaz sua habitação originária como o lugar de morada do ser – *éthos* –, como limiar poético das andanças pelos desconhecidos caminhos em nossa jornada para a existência. Então, ao aceitarmos a provocação feita por esse livro, quem sabe, sejamos lançados numa busca por aquilo que nos diz em nossas palavras e leituras, já que, como diz o querido professor: “ler é o desafio originário de se ler, de auto-ler-se na vigência daquilo que cada um já é e recebeu para ser, realizando-se eticamente” (p. 30).